

A REVOLUÇÃO PERNAMBUCANA DE 1817

Manuel Correia de ANDRADE

A 06 de março, comemorou-se mais um aniversário da Revolução Pernambucana de 1817, revolução que representou a intrepidez e a coragem do povo pernambucano, sabendo reagir contra o domínio do colonizador português e se organizando sob a forma republicana de governo. O movimento foi precipitado pela atitude do governador português, Caetano Pinto de Miranda Montenegro, que governava a capitania desde 1804, e que não acreditava na altivez e no espírito de luta dos pernambucanos.

Ele sabia da ocorrência de conspirações e de que numerosos padres, militares, proprietários de terra, comerciantes e até magistrados estavam ligados a lojas maçônicas e que professavam idéias liberais, então chamadas de “idéias francesas”. Mas não acreditava que a elite do Recife e Olinda fosse capaz de se levantar contra o governo absolutista de D. João VI; por isto comentava que os pernambucanos estavam a conspirar mas, na verdade, não os temia. Quando a situação se tornou mais grave, ele determinou a prisão dos líderes civis e militares, ocorrendo, porém, que o brigadeiro Barbosa de Castro, ao prender os oficiais brasileiros os insultou. Em resposta ao insulto, o capitão José de Barros Lima, em um gesto rápido, puxou a espada e o matou. Este fato, ocorrido entre oficiais e dentro de um quartel, criou uma situação confusa e os oficiais brasileiros, aproveitando o momento, libertaram os presos e ocuparam o Recife.

O governador não estava a altura do momento histórico, era medroso e titubeante, dele se dizia que “era Caetano no nome, pinto na coragem, monte na altura e negro nas ações”. Não podendo enfrentar as tropas, recolheu-se à fortaleza do Brun, negociando com os rebeldes a entrega do poder e a sua retirada para o Rio de Janeiro.

De posse da cidade e com o apoio da população da capitania de Pernambuco e das vizinhas, Paraíba e Rio Grande do Norte, os rebeldes organizaram um governo colegiado, formado pelos representantes de várias

classes - clero, militares, magistratura, comércio e agricultura - e procuraram expandir a sua área de influência, enviando representantes à Bahia e ao Ceará; enviaram também um emissário aos Estados Unidos e procuraram credenciar o jornalista Hipólito José da Costa como seu representante na Inglaterra, onde ele vivia. Era o primeiro governo republicano a se instalar e a funcionar por mais de dois meses no Brasil.

Se a conquista do poder foi relativamente fácil, a sua conservação e a organização da nova república foi bem difícil. O governo real organizou imediatamente uma ofensiva, fazendo partir forças de terra da Bahia e por mar do Rio de Janeiro. Os rebeldes não conseguiram reconhecimento externo e as armas compradas nos Estados Unidos, por Cruz Cabugá, chegaram ao Recife quando a república já havia sucumbido. No plano interno havia uma grande contradição gerada pelo problema da escravatura. Os senhores de engenho, que viviam da força do trabalho escravo, não concordavam com a abolição, e os revolucionários, necessitando dos mesmos, não tiveram a coragem de libertá-los.

Havia ainda, entre as classes dominantes, a desconfiança entre os comerciantes, em sua maioria portugueses, que controlavam o comércio, e os senhores de engenho e militares, brasileiros que se opunham ao controle do comércio por parte deles. A população branca era minoritária e temia uma revolta de negros e mulatos, como ocorrera no Haiti, em 1804, e desconfiava dos vários quilombos que surgiam e tinham maior ou menor duração. O quilombo de Catucá, por exemplo, poucas léguas distante do Recife, teve décadas de duração, e as tropas de cor, com líderes, como o capitão Pedroso, eram uma ameaça constante aos denominados de "caiados".

Todos estes fatos contribuíram para um rápido desfecho da revolução e a prisão em massa de implicados na mesma. Vários deles foram executados, como Domingos José Martins, José Luís de Mendonça, padre Tenório, Domingos Teotônio Jorge e outros; o padre João Ribeiro de Melo Montenegro, a maior figura de intelectual do movimento, suicidou-se ao perceber que a revolução fracassara.

O restabelecimento da ordem régia, comandada pelo general Luís do Rego Barreto, foi implacável; mas a sede de liberdade dos pernambucanos era maior do que a opressão real, e já em 1821, aproveitando-se da Revolução Constitucionalista do Porto, os pernambucanos se rebelaram e, a partir de Goiana, marcharam sobre o Recife e Olinda e expulsaram a Luís do Rego e as forças portuguesas, antes do 07 de setembro, antes da Independência do Brasil. Este espírito de luta voltaria a se manifestar em 1824, com a gloriosa Confederação do Equador, com a Guerra dos Cabanos de 1831-1836, e, em 1848, com a Revolução Praieira.